

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

EVELYN SILVA FONSECA

“MANCHESTER DO NORTE?”: a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís.

São Luís
2023

EVELYN SILVA FONSECA

“MANCHESTER DO NORTE?”: a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos

São Luís
2023

Fonseca, Evelyn Silva.

“MANCHESTER DO NORTE?": a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís / Evelyn Silva Fonseca. – São Luís, 2023.

55f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos.

1. Ensino de História Local. 2. Parque Fabril. 3. História do Maranhão. I. Título.

CDU 37:316.343.632(812.1)

EVELYN SILVA FONSECA

“MANCHESTER DO NORTE?”: a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís.

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

Orientadora: Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos

Aprovada em: 12 / 07 / 2023 .

AUTOR(A):

Evelyn Silva Fonseca

BANCA EXAMINADORA

Sandra Regina Rodrigues dos Santos

Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos

Dra. Elizabeth Sousa Abrantes

Bianca Trindade Messias

Me. Bianca Trindade Messias

A minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe que sempre será o meu maior exemplo de força, independência e amor; ao meu pai por ter me ensinado a ser forte, me ensinando a diversidade de tons ao misturar duas cores e a buscar tudo aquilo que eu almejo; ao meu irmão que é uma das minhas grandes motivações para que eu tente ser sempre o melhor que eu puder; aos meus tios Kenia, Dirceu e Andrejane por terem sido meu apoio aqui em São Luís por tanto tempo.

Aos meus colegas de curso que me ajudaram a sair da caverna e abriram horizontes que jamais pensei alcançar, e a todos que de um modo geral proporcionaram 4 anos de muitas risadas e surtos. Em especial a Nayara que sempre cuidou de mim e tornou mais agradável a caminhada, sempre serei grata a toda ajuda e disponibilidade em meio a uma rotina tão corrida.

Aos amigos que adquiri ao longo da vida João, Lenice, Matheus, Mônica, Thalyson e Victor e que de alguma forma contribuíram com a minha trajetória e me ajudaram em momentos essenciais na minha vida. A Seu Coelho que tornou essa apresentação possível, serei eternamente grata.

Agradeço especialmente a professora Sandra Regina Rodrigues dos Santos pela orientação desde o Pibid, pela ajuda, puxões de orelha e cuidado em todos os diálogos. Você é um exemplo a seguir de dedicação e responsabilidade. Agradeço também a professora Milena que me ajudou a organizar e sintetizar as milhares de ideias que estavam na minha cabeça de forma avulsa. Agradeço de forma geral a todos os professores que passaram pela minha vida e que me ajudaram a descobrir o tipo de professora que eu pretendo ser.

Agradeço o cuidado e atenção na leitura e avaliação que as professoras Elisabeth Abrantes e a Bianca Trindade tiveram com a pesquisa e em todos os pontos acertivos incluídos neste trabalho.

Em suma, agradeço a todos que passaram pela minha vida e me tornaram o que sou hoje.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução.

Eric Hobsbawm

RESUMO

A pesquisa irá abordar a importância do ensino de história local, o relacionando ao início da industrialização que ocorreu no Maranhão, discutindo a localização do Parque Fabril na cidade de São Luís através de mapas que serão utilizados a fim de auxiliar as sequências didáticas produzidas ao final da pesquisa que está dividida em três capítulos. O primeiro introduzirá a temática do ensino de história através das leis e diretrizes, o segundo abordará o início da industrialização no Maranhão e o último relacionará os temas apresentados nos capítulos anteriores, apresentando as mudanças ocorridas na capital do estado através da cartografia, explorando a sua relevância para o ensino de História do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História Local; Parque Fabril; História do Maranhão

ABSTRACT

The research will address the importance of teaching local history, relating it to the beginning of industrialization that occurred in Maranhão, discussing the location of the Parque Fabril in the city of São Luís through maps that will be used in order to assist the didactic sequences produced at the end research that is divided into three chapters. The first will introduce the theme of teaching history through laws and guidelines, the second will address the beginning of industrialization in Maranhão and the last will relate the themes presented in previous chapters, presenting the changes that occurred in the state capital through cartography, exploring its relevance for the teaching of History in Maranhão.

KEYWORDS: Teaching of Local History; Industrial park; History of Maranhão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Companhia de Fiação e Tecidos Caxiense (19--)	32
Figura 2 – Companhia de Fiação e Tecidos Caxiense (2013)	32
Figura 3 – Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense(1923)	33
Figura 4 – Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense (2015)	33
Figura 5– Fábrica Cânhamo(1920)	34
Figura 6– Fábrica Cânhamo (2011)	34
Figuras 7 E 8 – Ruínas da Companhia São Luís	34
Figura 9 – Fábrica Santa Amélia	35
Figura 10 – Fábrica Santa Amélia atualmente	35
Figura 11 – A Companhia Fabril Maranhense em 1920	36
Figura 12 – Antes e depois do chalé que pertencia a Fabril	36
Figura 13 – Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil em 1907	37
Figura 14 – Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil atualmente	37
Figura 15 – Mapa da cidade de São Luís em 1848	40
Figura 16 – Mapa da cidade de São Luís em 1912	41
Figura 17 – Mapa da cidade de São Luís em 1912	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1- O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA SALA DE AULA: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E LEGAIS.....	15
1.1- A história local no ensino da História: contribuições teóricas.....	16
1.2–A história local nas proposições das políticas de educação: Abordagens e intersecções.....	20
1.2.1- As políticas dos anos 90.....	20
1.2.2- As políticas do século XXI.....	23
1.2.3 – O DCTMA e suas proposições de um ensino sobre História Local: uma sugestão de sequência didática sobre o surgimento do Parque Fabril ludovicense.	25
CAPÍTULO 2- O PARQUE FABRIL DE SÃO LUÍS: HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO.....	27
2.1 A industrialização no Brasil: reflexos na formação do Parque Fabril maranhense.....	27
2.2- O parque fabril de São Luís: enfatizando as fábricas de tecidos.....	31
CAPÍTULO 3- PROPOSIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O PARQUE FABRIL DE SÃO LUÍS: O ESPAÇO URBANO DE SÃO LUÍS E A INSTALAÇÃO DAS FÁBRICAS.....	38
3. 1. - A fábrica do Rio Anil: da produção de tecidos a construção do saber....	38
3.2. - Mudanças geográficas na cidade de São Luís através dos mapas....	39
3.3- Propondo uma sequência didática para a abordagem da história local: as fábricas no contexto de São Luís no século XIX.....	44
3.3.1- Elaborando o planejamento de uma sequência didática sobre o parque fabril ludovicense.....	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu inicialmente da tentativa de suprir algumas das necessidades sentidas em relação ao ensino de história do Maranhão no novo ensino médio, pois, apesar de já ter sido implementado, vem gerando grandes debates, e no que tange ao ensino de história local este vem acompanhado de propostas de ampliação de fontes que possam estimular os alunos e favorecendo aos professores possibilidades de trabalhar com diferentes temáticas sobre o ensino de História do Maranhão.

É preciso ressaltar que com a implantação do Novo Ensino Médio, no currículo das escolas, a disciplina de História sofreu uma significativa redução de carga horária, uma vez que o ensino dessa disciplina está inserido no bloco das ciências humanas e sociais, este aspecto contribuiu para a redução dos conhecimentos em relação a História de um modo geral, o que naturalmente já reduz os conteúdos de História do Maranhão.

Por outro lado, com a implementação das disciplinas eletivas, tem-se a oportunidade de criar disciplinas que de alguma forma buscam suprir alguns conteúdos que são necessários de serem trabalhados. Estes aspectos, e a possível revogação do novo ensino médio, nos induziu a realização desta pesquisa voltada para o ensino médio, com proposições de atividades pedagógicas escolares no ensino de história para trabalhar com a história local, com destaque para as fábricas no contexto do Maranhão e a inserção das mulheres nesse mercado de trabalho, com a intenção de desenvolver atividades pedagógicas sobre este assunto como história local na sala de aula do ensino médio.

A ausência desses conhecimentos em sala de aula, se constitui como o nosso objeto de pesquisa, cuja intenção principal é sugerir aos professores possibilidades didático-metodológico para trabalhá-los em sala de aula, na perspectiva interdisciplinar, relacionado com algumas áreas de conhecimentos, principalmente geografia, sociologia e economia que se relacionam com a história nesse contexto.

Em se tratando da temática deste trabalho, cabe ressaltar que os textos são mais trabalhados pela academia, sendo pouco explorados pelos estudantes do ensino médio, razão pela qual eles possuem poucos conhecimentos sobre esta parte da história local do Maranhão, uma vez que são poucos explorados em sala de aula, temos como exemplo autores mencionados abaixo.

Entre os autores com os quais dialogaremos, cita-se Marcos Matos, que apresenta um pouco sobre o início da industrialização que ocorreu no Maranhão, abordando questões como a metáforização "Manchester do Norte" e "Athenas Brasileira", com o auxílio de pesquisas como a tese de doutorado que aborda alguns desses temas.

A partir da análise das mudanças econômicas provocadas pelas produções dessa onda fabril no Maranhão e as relações comerciais da época, favorecidas pela produção têxtil que causou uma certa ilusão em relação ao crescimento econômico para o estado.

Além de relatar a importância das fábricas para a economia do Maranhão, tendo em vista seu rápido crescimento econômico, e posteriormente, as consequentes mudanças geográficas que ocorreram na cidade de São Luís e em outras localidades em que as fábricas estavam inseridas.

Nesta pesquisa, nos voltaremos para alguns campos da História, com destaque para: História Social, História Urbana e Ensino de História local, a partir de algumas abordagens contempladas na bibliografia de teóricos, nos quais buscaremos ancoragem. Em relação ao primeiro campo citado acima, discutiremos inicialmente a chegada das fábricas no Maranhão de forma geral, destacando nesse contexto o ciclo do algodão, período em que o comércio dessa matéria-prima teve alta.

Autores como Joaquim Itapary em "A Falência do Ilusório: Memórias da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil" e Danilo Feitosa em sua monografia "Do Bucólico Cutim ao Bairro Anil" serão alguns dos autores que nortearão o segundo campo, trazendo as perspectivas das mudanças geográficas, principalmente na capital com a inserção das fábricas, pois ambos discutem temáticas diretamente relacionadas, tendo como um dos focos a criação do bairro Anil e suas mudanças espaciais e econômicas na capital do estado.

Neste estudo busca-se também analisar os impactos que o parque fabril trouxe para a ampliação do espaço urbano da cidade de São Luís, abrangendo sua economia, seu cotidiano e as mudanças em espaços geográficos a partir do final do século XIX até a metade do século XX.

Além das produções historiográficas relacionadas ao tema, faremos análise também de alguns mapas e fotografias que ratificam essas mudanças geográficas discutidas e que serão utilizados também como fonte destinada aos professores

que os auxiliarão das turmas em que trabalham.

Por isso, esta pesquisa está organizada em 3 capítulos, o primeiro está fundamentado em autores como Goubert (1988), Hobsbawn (1995), Santos (2002) Schimidt e Cainelli (2004), Bittencourt(2004), discutindo questões relacionadas ao ensino de história local, abordando políticas públicas acerca da uniformização do ensino por todo o território nacional, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (1990), a Base Nacional Comum Curricular (2018) e por fim o Documento Curricular do Território Maranhense (2022), para o ensino da história local, enfatizando o ensino de História do Maranhão na rede oficial do estado.

No segundo serão abordadas o processo de industrialização no Brasil que surge ainda no século XIX, por volta de 1850, relacionando ao processo de industrialização que ocorreu no Maranhão, para a partir disso observar as mudanças socioeconômicas e geografias em algumas regiões da capital, com a utilização de mapas e fotografias para apresentar imagens do espaço e sua utilização no passado e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

No terceiro capítulo serão discutidas algumas das possibilidades de sua aplicação e dentro de sala de aula, seja nas disciplinas de história, geografia, ou sociologia já citadas anteriormente, podendo abranger também disciplinas como literatura utilizando autores como Josué Montello, grande nome da literatura brasileira que em seu livro “Janelas fechadas” narra da sua vida em que viveu no bairro Anil e conseqüentemente nos entornos da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, na tentativa de facilitar para o professor o acesso a essas informações reunidas em um local.

Daí considerar-se relevante este estudo, pois este irá contribuir com os professores dessa etapa de escolaridade, considerando o que propõe as diretrizes curriculares, a exemplos dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's) da década de 1990, a BNCC (2018) e o DCTMA (2022) , que propiciam aos alunos atividades a serem trabalhadas em sala de aula com a temática da instalação do Parque Fabril em São Luís, enfatizando alguns impactos sociais, geográficos, econômicos.

CAPÍTULO 1 - O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA SALA DE AULA: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E LEGAIS

Considerando a importância de se trabalhar com a temática deste capítulo que visa analisar como nascem as proposições teóricas e legais para a inclusão da história local no contexto da sala de aula, é importante ressaltar que a questão do “esquecimento” das tradições e representações culturais regionais e locais do passado, devem ser trabalhadas no contexto da sala de aula, resgatando esses aspectos na perspectiva da história local a serem trabalhados no ensino da História nas escolas do ensino básico.

Cabe ressaltar que a abordagem desses aspectos no ensino é algo que gera uma certa preocupação, tendo em vista que uma parte significativa da população tem pouco acesso ao conhecimento da sua história e da sua própria cultura, conforme percebe-se nas palavras de Hobsbawn (1995) quase todos os jovens de hoje vivem numa espécie de presente contínua, sem ligação orgânica com o passado público do tempo em que vivem.

Considerando as proposições desse autor, ressalta-se que a ligação das nossas experiências pessoais às das gerações passadas – é um evento dos mais característicos e angustiante do final do século XX.

Portanto, como pontua Hobsbawn (1995, p. 13) “por isso os historiadores, cujo o ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca”. É nesse sentido, que nos propomos ao desenvolvimento deste estudo cujo o título é “MANCHESTER DO NORTE?": a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís, a ser analisado na perspectiva da História Local no ensino de História com alunos do ensino médio, buscando contribuir com interpretações sobre as proposições de estudiosos da história local (GOUBERT, 1988; SANTOS, 2002; SCHIMIDT e CAINELLI, 2004; BITTENCOURT, 2004); bem como que está contemplado nas propostas da Base Nacional Comum Curricular (2018) e Documento Curricular do Território Maranhense (2022), para o ensino da história local, enfatizando o ensino de História do Maranhão na rede oficial do estado.

Muitos são os fatores que são apontados, tanto pela literatura citada acima, , à falta de material didático adequado para uso dos professores da área de

História, para atuarem com competência na construção do conhecimento e na aplicação didática dos mesmos em sala de aula. Portanto, trabalhar com a perspectiva da história local em sala de aula não é uma preocupação recente no campo da História, como destaca Bittencourt (2004) este tema já vem sendo colocado em propostas curriculares e em produções didáticas.

É com esse propósito que elaboramos a análise de uma história local como objeto de pesquisa ligado a memória e a identidade, destacando as fábricas “como lugares da memória”, contemplando os vestígios do passado do parque fabril na cidade de São Luís.

1.1- A história local no ensino da História: contribuições teóricas

No que tange a educação e o ensino sobre a História Local, cabe ressaltar a importância de trabalhar com o conceito de memória e de “lugares de memória” em sala de aula, aspectos que na realidade já não é uma novidade, pois os primeiros debates sobre esse tema datam mais ou menos da década de 1970, tornando-se uma preocupação dos pesquisadores e dos professores, que passam a adotar um comportamento mais reflexivo, adquirindo habilidades e conhecimentos mais amplos para a compreensão desses conceitos que de certa forma estão profundamente ligados a questão do patrimônio.

A história local, como proposta para o ensino de história, já é uma temática amplamente aceita por especialistas na área, representando uma ruptura em relação à história tradicional em termos de conhecimento histórico. Nesse sentido, a História Local permite romper com práticas tradicionais, conforme assertiva de Schmidt e Cainelli (2004, p.10):

Mesmo após a Proclamação da República, a principal referência dos programas curriculares (1931, 1936) continuou sendo a história da Europa. Essa tendência foi criticada por historiadores brasileiros e considerada um dos grandes problemas da disciplina. Trata-se da concepção europeizante dos conteúdos [...]

Apesar da importância das questões políticas nesse contexto, neste capítulo a intenção é discutir os aspectos da história local e a sua importância e valorização no espaço escolar, que pode ser abordado na educação básica, tanto para alunos do ensino fundamental II como para o ensino médio.

Os conhecimentos adquiridos com as pesquisas locais sobre o passado nacional e atual tem nos permitido trabalhar com o conceito de História Local, com as contribuições do estudioso Pierre Goubert (1988) que assim define

[...] a história local: Denominaremos História local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local, ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum). [...] a história local foi mais tarde desprezada, principalmente nos séculos XIX e primeira metade do XX pelos partidários da história geral. A partir, porém, da metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado, na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada. (GOUBERT, 1988, p.70)

Como já analisado, a história local se constitui em uma abordagem que busca examinar os aspectos de um determinado espaço localizado. Essa tendência é particularmente notável no Brasil, onde os diversos cursos de História e as pós-graduação em história do país têm tido contribuições significativas, com pesquisas direcionadas às comunidades, as localidades e ao seu entorno. A inclusão da história local vem se tornando cada vez mais necessária devido à amplitude e a diversidade das dimensões geográficas do nosso país.

Além de retratar os acontecimentos locais, o ensino da história local promove a formação da identidade e da “consciência histórica”, que segundo Cerri (2011) é uma característica das pessoas que vivem em grupos, e contribui também para o ato do pensamento histórico e à compreensão das ações individuais e coletivas, nesse processo, o professor é considerado como um mediador do conhecimento científico e histórico para as escolas.

Avançando sobre o uso pedagógico da história local, nos debates sobre o ensino da história local, colocando os alunos como cidadãos críticos e capazes ter um olhar diferenciado para as diferentes nuances apresentadas pela história local.

A possibilidade de preservar o patrimônio cultural, a memória, a história e a identidade de um povo está intimamente ligada à transmissão dessa história, aspectos trabalhados de forma significativa pelo memória. Tratar sobre a importância da memória no contexto desses estudos, nos remete as contribuições de Pollack (1989, p. 13-15) apresenta que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições.

No que diz respeito à abordagem pedagógica sobre a história local ou do “lugar”, temos estudos que já avançaram neste campo com as contribuições de Schmidt e Cainelli (2004, p.113), pois conforme essas estudiosas “o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidades”, aspectos que ajudam a entender conforme pontua Bittencourt (2004, p.168) que “[...] o entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.”

Sobre essa perspectiva pedagógica, consideramos interessante ressaltar o estudo de Joaquim J. M. dos Santos (2002), “História do lugar: um método de ensino e pesquisa, para as escolas do ensino médio e fundamental”, no qual destaca a importância de uma proposta de ensino que prevê o professor em seu papel de pesquisador, com o objetivo de “munir-se de conhecimentos preliminares sobre a história local e a abordagem que adota de modo a aprofundá-los com a turma, participando com ela da produção desse tipo de conhecimento e da forma de construí-lo” (SANTOS, 2002, p.109)

A importância metodológica de trabalhar com a história local como objeto de pesquisa na educação escolar é um ato pedagógico, pois impulsiona os professores e os alunos a selecionarem fontes, cruzarem diferentes saberes, sobre o tratamento das mesmas, as técnicas de leitura e a análise e interpretação dessas fontes. Essa ação exige o domínio de critérios teóricos e metodológicos aplicáveis para a História em sala de aula.

É inegável reconhecer a importância da história local, como também é importante ressaltar a necessidade de ampliação de estudos sobre este campo na produção historiográfica, embora o local já venha se constituindo há várias décadas como objeto de estudo para produção de um saber sobre o passado.

É a partir dessas inquietações, que enfatizamos a problematização da nossa pesquisa, visando analisar como o ensino da história local pode ser desenvolvido na prática da sala de aula de história, afim de trabalhar novas possibilidades didáticas que venham a se contrapor as tendências consideradas tradicionais.

Temos clareza de que a história local se redefiniu no quadro de mudanças historiográficas, ligadas ao cotidiano e outras temáticas históricas que resultam da convergência e do fecundo diálogo da história, com a antropologia e a geografia enquanto campos de conhecimento, e como pontua Gomes (2000) o historiador como profissional das ciências humanas e sociais é preocupado com a periodização e o movimento perpétuo do tempo em um determinado espaço, sendo assim “[...] promove uma união muito particular entre saberes disciplinares, bem como uma união entre seu objeto de estudo e os conceitos escolhidos sob o signo da temporalidade” (GOMES, 2000, p.20)

Conforme indica a epígrafe desta monografia, a observação acima é essencialmente estimulante para a reflexão sobre o significado da história local, pois a discussão sobre o que é uma região, um território ou um lugar tem ligação com os propósitos da epígrafe de Eric Hobsbawn “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução”.

É nesse sentido que a cidade de São Luís, com o seu parque fabril no século XIX, torna-se objeto de estudo da história local no ensino da História, privilegiando no capítulo seguinte, a investigação histórica de vários estudiosos em relação aos diferentes espaços do tempo histórico em apreço, no qual se instalaram várias fábricas de tecidos.

As análises de estudiosos do campo do ensino da História, que trazem reflexões, que permitem articular a História com a história local no ensino de História, trazem significativas contribuições sobre as múltiplas dimensões da cidade de São Luís nesse contexto, nos aspectos: social, econômica, política e cultural, ou seja, é possível dar atenção particular a essas questões locais, buscando a relação espaço e sociedade, sendo assim avança na perspectiva de “estudar o engajamento das sociedades urbanas do passado [...]” (SALGUEIRO, 2001, p.19)

1.2 – A história local nas proposições das políticas de educação: Abordagens e intersecções

Acerca das discussões sobre a história local e a sua aplicabilidade dentro de sala de aula, houve uma longa caminhada relacionada as políticas em âmbito nacional e estadual, e a seguir será possível compreender alguns dos caminhos percorridos para as diretrizes curriculares vigentes atualmente, discorrendo as políticas públicas desenvolvidas nos anos 90 com os Parâmetros Nacionais Curriculares(PNC's) que nortearam de forma unitária a educação brasileira até que fosse aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/96, que apresenta as primeiras questões sobre a importância do ensino de especificidades regionais, como a sociedade e da cultura local.

A partir do século XXI será possível notar mudanças mais significativas em relação as as políticas voltadas ao ensino de História Local, com a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (2018), houve a necessidade da criação Documento Curricular do Território Maranhense (2022) que apresenta de fato algumas das possibilidades de propostas de sequências didáticas voltadas ao ensino de História do Maranhão.

1.2.1- As políticas dos anos 90

Nessa caminhada, o ensino de história já avançou significativamente, mas ainda tem um longo caminho a percorrer, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos que o aluno leva para a sala de aula, no sentido de estabelecer um diálogo com a historiografia produzida, o que lhes permite construir uma maior autonomia em relação a realidade que o rodeia.

Portanto, trabalhar com o conceito de memória na educação básica era uma exigência que já estava contemplado nos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, criados pelo Ministério da Educação (MEC) em 1997, com diferentes temas e abordagens, e o uso de diferentes ferramentas para incentivar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, o que exige aprimoramento teórico do professor ao utilizar esses recursos didáticos.

Almeja-se que, por meio das aulas de história, os alunos também sejam capazes de: Questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política e institucional e organizações coletivas da sociedade civil”. (PCN, 2001, p. 41).

Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais”. (PCN, 2001, p. 62)

Essas propostas curriculares visavam a adaptação às novas tecnologias e eram voltadas para métodos de ensino, conteúdos e aprendizagem dos alunos. Em síntese, o resultado do processo educativo passou a ser mais valorizado.

Uma característica importante do ensino de história foi permitir que os alunos compreendessem a sociedade em que estão inseridos, no quadro das necessidades locais e regionais. Por isso, destacamos também os objetivos gerais do ensino fundamental: “conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional, pessoal e o sentimento de pertinência ao país” (BRASIL, MEC, PCN, 1998, p.03).

Os PCN publicados em 1998 para o terceiro (5.^o e 6.^o anos) e quarto ciclo (7.^o e 8.^o anos) do ensino básico⁴⁰ estão estruturados de acordo com os seguintes elementos:

Caracterização da área de História; objetivos gerais; conteúdos: critérios de seleção, organização, orientações, métodos didáticos (materiais didáticos, pesquisas escolares, trabalho com documentos, visitas a exposições, museus, sítios arqueológicos, estudo do meio, tempo no estudo da História, o tempo cronológico, o tempo da duração e ritmos de tempo). Sobre as questões ligadas aos aspectos locais no ensino de História, os PCN's destacam que esta disciplina, detém uma valiosa importância social, na medida que “pode fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre os seus valores, suas práticas cotidianas e relacioná-las com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo social, sua localidade, sua região e a sociedade nacional” (BRASIL, MEC, PCN, 1998, p.34).

Assim, a educação desempenha um papel fundamental na formação das identidades locais, o que só pode ser viabilizado integrando os estudos locais nas aulas de história desde o ensino fundamental. Outra característica do ensino de história local definida nos PCN's (1998) é a perspectiva de formar cidadãos críticos, pois o documento traz a seguinte afirmação: “é necessário fazer escolhas

pedagógicas pelas quais o estudante possa conhecer as problemáticas e anseios individuais de classe e do grupo, local, regional, nacional e internacional”. (BRASIL, 1998, p.37).

O documento ressalta a necessidade de o professor planejar e fazer preferências instrucionais para refletir sobre decisões que envolvem principalmente discussões de contextos locais, regionais e nacionais. A memória social está sempre presente na mente dos alunos e professores em sala de aula. O que muitas vezes acontece é que não é expresso explicitamente.

Nos PCN's (1998), a sala de aula deve facilitar um diálogo democrático que permite ver além do cotidiano estabelecido e naturalizado que nos cerca. Traduzir o que se estabelece como memória social no espaço do diálogo, permitindo assim a manutenção, destruição ou reconstrução dessas tradições que nos cercam, pode ser feito no espaço do ensino de história.

Na nossa realidade, a aproximação dos alunos dos diferentes suportes pedagógicos, em particular os lugares de memória, como já referido acima, favorece a sua capacidade de elaborar críticas, trabalhar informações, realizar entrevistas, e etc.

O estudo do lugar, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), baseia-se em dois eixos de análise temporal: os movimentos da população residente na localidade (chegada dos primeiros habitantes, imigração e emigração), cujas informações devem ser coletadas por meio de entrevistas e depoimentos de membros da comunidade local; e o cotidiano dos grupos sociais presentes no local, com o objetivo de preservar a memória.

Avançando neste processo, atingimos o momento da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei nº 9.394/96 – no seu artigo 26, destaca que a parte variada dos currículos do ensino fundamental e médio deve levar em consideração as especificidades regionais e locais da sociedade e da cultura, o que leva ao desenvolvimento de uma proposta de ensino da história local, direcionada para a difusão de valores, saberes e manifestações das culturas das diferentes comunidades e estados.

Com a Lei nº 9.394 de 1996, que trata sobre as diretrizes e bases da educação Nacional e os próprios parâmetros curriculares nacionais da década de 1990, o ensino de história e seus objetivos, conteúdos e eixos temáticos estão bem delimitados e estruturados e refletindo, de certa forma, muito do que está

proposto para a disciplina de História na atualidade.

Portanto, no início do século XXI, a História permaneceu como um campo importante por meio da qual os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros e imaginam sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (BERUTTI; MARQUES, 2009)

1.2.2- As políticas do século XXI

Como já apontamos acima, a legislação brasileira que incide sobre a educação e as disciplinas e seus respectivos currículos foram e são controladas pelo Estado. Este controle do Estado sob o currículo, é algo que já estava presente desde a criação do Colégio Pedro II, refletindo o período em que a História foi introduzida como disciplina escolar no século XIX. Portanto, o envolvimento do Estado nas questões curriculares está presente na redação dos primeiros programas da disciplina, que visavam discutir o conceito de história e a formação de alunos/professores, demonstrando que as autoridades estavam preocupadas com a preparação e a qualidade do currículo que seria ministrado aos alunos de todo o Brasil.

Com relação ao desenvolvimento dos currículos, o artigo 26 da lei de orientação e fundamentos (lei nº 9.394/LDB) destaca: Os currículos da educação infantil, fundamental e médio devem ter uma base nacional comum. Em cada sistema educativo e em cada instituição educativa, ser complementada por uma parte variada correspondente às características regionais e locais da sociedade, cultura, economia e alunos. (BRASIL, 1996, p. 19).

Pela citação acima, fica claro que as disciplinas estão integradas à política pública do Estado e a incorporação da parte diversificada do curso vem sendo discutida desde a LDB de 1996, como já mencionamos. O chamado currículo formal teve grande influência no poder público, tanto nacional quanto estadual, até os dias atuais. Sendo assim, a presença da história local na educação é obrigatória no desenvolvimento dos currículos, conforme a BNCC, tanto no ensino fundamental como no ensino médio.

Pelas propostas da BNCC (2018) e do DCTMA (2019), as aulas de história, em especial a história do Maranhão, têm significativa importância no desenvolvimento do conhecimento histórico escolar e para a formação da

consciência crítica e da memória histórica coletiva dos maranhenses. A abordagem do processo de ensino pode ajudar o aluno a garantir a consciência e o reconhecimento como sujeito de sua própria história.

É necessário, portanto, apreender melhor essas nuances que permeiam as práticas de ensino de história, bem como as interfaces entre a história local e regional em sala de aula, além do proposto na legislação educacional vigente, no que tange a organização dos programas escolares, contemplando a história do Maranhão e as relações que se estabelecem entre os conteúdos históricos e os alunos no processo de formação de sua identidade cultural e como as instituições escolares levam em consideração estes aspectos.

A análise dos propósitos da BNCC, e conseqüentemente do DCTMA, é de suma importância sobre os propósitos da história local e o ensino da história do Maranhão, considerando que muitos dos conteúdos deste campo são pouco conhecidos, os jovens por desconhecê-los pouco o valorizam e se interessam pela disciplina de História em geral.

No que diz respeito à relação entre educação e história local, a partir da literatura produzida sobre o assunto, percebemos que ainda existem muitos profissionais que encontram dificuldades em trabalhar com conteúdos que abordem esses aspectos. Existem várias alegações, como a falta de material didático, o desconhecimento sobre a produção historiográfica e também o argumento errôneo de que os alunos não se interessam por sua própria história.

Outro ponto que merece destaque sobre as dificuldades para se trabalhar com a história do Maranhão, diz respeito a ausência de um livro didático sobre este campo, o que inviabiliza o ensino/aprendizagem na ação de sala de aula, da maioria de nossos professores, pois o livro é considerado basicamente o único recurso possível para o ensino. Ao longo de nossa experiência em sala de aula, observamos que as aulas de história em sua maioria se tornaram pouco atrativas para os alunos, que é difícil competir com as novas tecnologias, e que a disciplina da História é compreendida por eles como uma disciplina dedicada a memorizar datas e nomes de personalidades importantes, ou seja: as aulas de história às vezes ficam muito distantes da realidade dos alunos.

É importante fornecer conteúdo baseado na história local, pois isso ajudará os alunos a aprenderem mais sobre a história de seu lugar. Por isso, de acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases

– LDB), a história local tem seu lugar na legislação sobre o ensino de história e no desenvolvimento dos currículos.

1.2.3 – O DCTMA e suas proposições de um ensino sobre História Local: uma sugestão de sequência didática sobre o surgimento do Parque Fabril ludovicense.

Das diversas ramificações acerca da temática abordada, notou-se a possibilidade de diversas atividades disponíveis para serem trabalhadas em sala, serão elencadas apenas 2 dessas atividades, sendo todas disponíveis para o ensino médio e para o ensino fundamental apenas a primeira. Sendo elas:

- 1- A análise de mapas, como os presentes ao longo da pesquisa e os diversos outros presentes em plataformas digitais ou em locais físicos como o Arquivo Público e a Biblioteca Benedito Leite, além do mapeamento desses locais.
- 2- Debate sobre o papel da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil para o desenvolvimento do bairro Anil que ambienta o romance “Janelas Fechadas” do escritor maranhense Josué Montello, local onde viveu por parte de sua vida.

Para a primeira, foi escolhida por trazer a ludicidade as explicações dadas aos alunos, pois para a maior parte desses alunos, torna mais fácil a visualização e a aprendizagem através de fotografias ou materiais audiovisuais.

Para a segunda, optou-se por focar no papel de uma única fábrica, relacionando-a com o processo de desenvolvimento do Bairro Anil a partir do olhar do escritor Josué Montello, onde são abordadas as condições de vida humana na capital do estado, tendo como protagonista Maria de Lourdes que precisa enfrentar os desafios de ser uma mulher solteira e grávida na cidade de São Luís no século XX, na tentativa de trazer questões para além das noções geográficas de uma parte da cidade, desenvolvendo a criticidade dentro de sala de aula. As duas estão no capítulo 3 e poderão ser alteradas conforme a necessidade do professor.

Ademais, com a possibilidade de não haver a revogação do novo ensino médio, existe a alternativa também do ensino dessa temática em uma disciplina eletiva com a interdisciplinaridade das matérias de: História, Geografia, Matemática e Sociologia. Levando em consideração a primeira competência específica trazida para as ciências humanas e ciências sociais na (BNCC, 2018, p.559):

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Atrelada também ao que é trazido no DCTMA – Documento Curricular do Território Maranhense:

“Outras possibilidades também podem ser consideradas, como a importância do aprofundamento nas questões regionais, que podem ser escolhidas por meio de uma eletiva de História do Maranhão, analisando o contexto político, econômico e social e suas contribuições na formação da sociedade maranhense.” (DCTMA, 2022, p.130)

Através desse documento é possível notar que há uma gama de conteúdos relacionados a História do Maranhão que ainda precisam ser explorados e principalmente levados para dentro de sala de aula, deixando de limita-los apenas a academia. Hoje, mais do que em qualquer outro período, existe a grande necessidade de formar cidadãos críticos e uma viabilidade é o ensino de História Local, para que esses novos cidadãos não estejam alheios a o que o cerca.

A memória é, portanto, uma das qualidades humanas mais importantes. Ela reside tanto na constituição do indivíduo como nos fundamentos da civilização, pelo que é possível identificá-la nas memórias pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos, etc. Por ser uma relíquia do passado, é uma ferramenta importante para o historiador analisar a experiência humana ao longo do tempo e um conceito fundamental para o professor de história estimular o pensamento histórico.

CAPÍTULO 2- O PARQUE FABRIL DE SÃO LUÍS: HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO

O início da industrialização no Brasil é marcado em grande parte pelo fim da monarquia. Apesar da primeira indústria têxtil ter sido inaugurada ainda durante o reinado de Dom Pedro II em 1850, a maior parte desenvolvida se deu após a proclamação da república, quando começaram a surgir as primeiras tentativas de modernização das relações comerciais da nação. Os primeiros avanços notados foram no sudeste do país, onde já se observava um investimento maior a um período de tempo significativo que alavancou as possibilidades de expansão dessas indústrias.

Em todos os estados houve essa grande necessidade de mudança, pois o país enfrentava uma forte crise econômica que atingiu principalmente os agricultores, e os estados mais atingidos foram aqueles que se estabeleciam principalmente a partir do plantio e exportações, como o Maranhão até a segunda metade do século XIX.

Na tentativa de ampliarem esse mercado econômico, houve o surgimento de fábricas em diversos estados, e no Maranhão não foi diferente, a maior parte das fábricas que se instalaram no estado estavam voltadas a indústria têxtil, mas algumas dessas companhias se dedicaram a outras produções, sendo: “1 de cerâmica, 4 de pilar arroz, 2 de pilar arroz e fazer sabão, 1 de sabão, 2 de açúcar e aguardente, 1 de meias, 1 de fósforo, 1 de chumbo e pregos, 1 de calçados.” (TRIBUZZI, 2011, p. 47)

Após a construção de diversas dessas fábricas, foi possível perceber as mudanças geográficas principalmente na cidade de São Luís que ocorreu assim que elas chegaram, e ao longo do texto será possível observar essas mudanças através de fotografias e mapas, além de estudos produzidos por autores sobre esses locais, principalmente em relação ao bairro do Anil, que passou pelas mudanças mais significativas com a chegada da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil.

2.1 A industrialização no Brasil: reflexos na formação do Parque Fabril maranhense

Diferente do que ocorreu no Maranhão, com o eminente fim da escravatura, os agricultores que estavam no Sudeste, principalmente no que hoje é o estado de São Paulo, começaram a investir em diversos tipos de maquinários e no início do pagamento de salários que gerou um mercado interno capaz de suprir as demandas

de consumo necessárias para a estabilização dessas indústrias que estavam a surgir. (FILHO, 2016, p,42)

Já o surgimento das indústrias no Maranhão ocorreu de forma abrupta, em um período de menos de 30 anos, no estado em que não havia sequer uma única indústria, sendo considerado como um local em que para obtenção de riquezas desenvolvia-se somente a agricultura, e de repente passou a contar com mais de 27 fábricas de diferentes funções como: as fabricas de fiação e tecidos que se dividiam não apenas na tecelagem de algodão, mas de seda, juta, lã, além de uma fábrica de sabão, açúcar, etc.

Dialogando com o que foi exposto por Oliveira (2019) e Matos (2015) em que este relata também as mudanças repentinas no final do século XIX em que o Maranhão deixa de ser um estado agrícola, escravocrata e dependente das exportações e passa de forma brusca a ser considerado um estado industrial. É possível interpretar os desdobramentos que acabaram ocorrendo no século seguinte ao “boom” desse surgimento. (MATOS, 2015, p.2)

O boom ocorrido fez inclusive com que o Maranhão fosse chamado de “Manchester do Norte” mostrado pelo autor Marcos Matos em seu artigo DE VOLTA À MANCHESTER DO NORTE: apagamentos e reiteraões do ‘Maranhão industrial’ em que ele toca de forma breve em pontos cruciais apresentados ao longo da pesquisa. Em relação expressão utilizada pelo autor, ele se utilizava de alguns autores como Henrique Borralho que em sua tese de doutorado aborda sobre o surgimento do termo.

Outro termo que também surge nesse período é o “fabrilistas”, que seria a denominação dada pela Correia (2006) em que ela apresenta algumas críticas as pessoas que relatavam sobre aquele momento de industrialização como um período de redenção após tantas crises e isso de forma que criasse no imaginário dos indivíduos daquela sociedade a ideia de grande mudança econômica, e os “neofabrilistas” que foi denominado para os autores que voltaram a “endeusar” o período em que essas fábricas surgiram.

Nesse ponto acabam havendo discordâncias em relação a algumas das observações trazidas por esses autores e o que a pesquisa se propõe, pois, apesar de ter sido um breve período em que houve o surgimento acelerado de diversas fábricas que logo em seguida precisaram ser fechadas por diversos embargos econômicos, esse período teve um papel substancial para algumas das mudanças

ocorridas dentro do estado.

Ainda que o surgimento inicial das indústrias terem sido no sudeste, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde foi fundada a Fábrica Santo Aleixo, o Maranhão não tardou a acompanhar a onda de modernização que percorria por quase todo o Brasil durante aquele período e em Caxias no interior do Maranhão surgiu a primeira fábrica têxtil.

Apesar da pesquisa está voltada aos impactos do parque fabril na cidade de São Luís, é importante mencionar o papel precursor que a cidade de Caxias teve no que diz respeito a construção das fábricas, pois foi nela que surgiram as primeiras fábricas do estado e que nortearam para algumas das fábricas que foram construídas na cidade de São Luís. Além disso, o processo emancipatório feminino ocorreram de forma similar aos da capital, pois o país acabava de deixar de ser escravista e esses comerciantes tendo o trabalho escravo pautado em grande parte de suas realizações precisaram de novas formas de diminuir os custos de produção.

Com efeito, as relações de trabalho no sistema fabril, pelo menos em seus inícios, tinham fortes contornos herdados da agricultura servil e escravagista, e, enquanto puderam subsistir, constituíram mecanismos de suma importância no processo de exploração da força de trabalho bem como, conseqüentemente, no próprio processo histórico de acumulação e da reprodução do capital industrial. (MELO, 1990, p.41)

Esse regime escravocrata foi o que inclusive gerou grande impacto na economia maranhense, pois apesar da produção em larga escala, o estado ainda não possuía mercado que suprisse a necessidade de compra na colônia, o que enfraquecia a comercialização desse produto.

Além de todos os outros problemas enfrentados antes por agricultores e agora por essas companhias, não havia trabalhadores que possuíssem qualificações necessárias para exercer algumas das funções advindas da chegada desses novos maquinários e que esses proprietários, para solucionar o problema foram trazendo para o Brasil trabalhadores qualificados de outras nações para que eles conseguissem operar as máquinas e ensinar a tecelagem dos fios.

Esse surto industrial trouxe uma nova face ao estado. De uma hora para outra, surgiram fábricas, chaminés, maquinários, operários estrangeiros (sobretudo ingleses), equipamentos modernos como o telefone, o telégrafo, a máquina de costura, os bondes puxados a burro, a bicicleta, o fonógrafo, o cinematógrafo, a máquina de costura, o automóvel e tantos e tantos outros artefatos da modernidade. (MATOS, 2015, p.4)

Não foi apenas a chegada desses novos trabalhadores de outras nações que mudou no cotidiano das pessoas daquele período, mas toda uma dinâmica do dia a dia, assim como foi citado acima pelo autor Marcos Matos, como a chegada da máquina de costura que teria impacto significativo na vida de muitas mulheres ao longo século. Algumas dessas mudanças serão abordadas de forma mais expressiva no tópico seguinte desta pesquisa para aprofundar esse assunto dando mais ênfase ao início desse momento em que o estado se encontrava, com mudanças econômicas e espaciais.

2.2- O parque fabril de São Luís: enfatizando as fábricas de tecidos

Tratando sobre o surgimento do parque fabril maranhense, constituído principalmente por fábricas de tecidos, é possível dizer-se que nesse contexto, em um período de 10 anos, passamos de uma fábrica para quinze, sendo 4 em Caxias, 1 em Codó e 10 em São Luís. Não houve um planejamento adequada e apenas começaram a construir fábricas a torto e a direito e no maranhão surge como é abordado por Matos, apenas seguindo o fluxo da onda de industrialização percorrida pelo Brasil:

“No final do século XIX, nascia um novo Maranhão. A partir de 1870, o estado passa a viver um processo de crise econômica. A quebra da agroexportação, culminada com a abolição da escravatura, fazem a economia maranhense desabar. Como consequência, as propriedades rurais são abandonadas, vendidas por bagatelas a oportunistas e se verifica um êxodo do campo para a capital do Estado ou para o Rio de Janeiro, São Paulo e, num fluxo posterior, para o Norte (Belém e Manaus) atrás das riquezas proporcionadas pela borracha. O capital levantado com a venda das propriedades é então empregado, de maneira despreparada e insipiente, na industrialização, seguindo a tendência nacional da época.” (MATOS, 2015, p.3-4)

No contexto deste estudo, nos compete analisar o surgimento e a localização das fábricas no contexto da cidade de São Luís, basicamente na virada do século XIX para o século XX, levando em consideração os locais escolhidos para a construção dessas companhias.

2. 2. 1. - O surgimento do parque fabril ludovicense: Surgimento e localização

Grande parte das imagens e algumas descrições dos textos das fábricas foram retiradas de sites voltados a em abordar o passado da cidade de São Luís, além de pesquisas feitas pelo Jornal O Imparcial que reuniu algumas das fábricas presentes no parque fabril, sendo que a maior parte delas se concentravam no contexto da cidade de São Luís entre os séculos XIX e XX, e mostrando alguns dos novos usos destinados para esses espaços depois dos longos anos de abandono que acabou por deteriorar aquelas que não participaram desses projetos de revitalização.

Essas imagens e textos serão inseridos a fim de auxiliar/facilitar a localização dessas fabricas e para que haja uma melhor visualização por parte dos professores, alunos e outros indivíduos que se interessarem pela temática. As imagens retratam o passado e o presente da maior parte dessas fábricas.

As fábricas marcaram a criação ou ampliação de bairros por grande parteda ilha, pois com o surgimento delas, houve a necessidade sentida pelos funcionários em se aproximarem do seu local de trabalho. Bairros como a Camboa, Madre Deus e Monte Castelo exemplos de alguns dos bairros que se ampliaram por conta das fábricas.

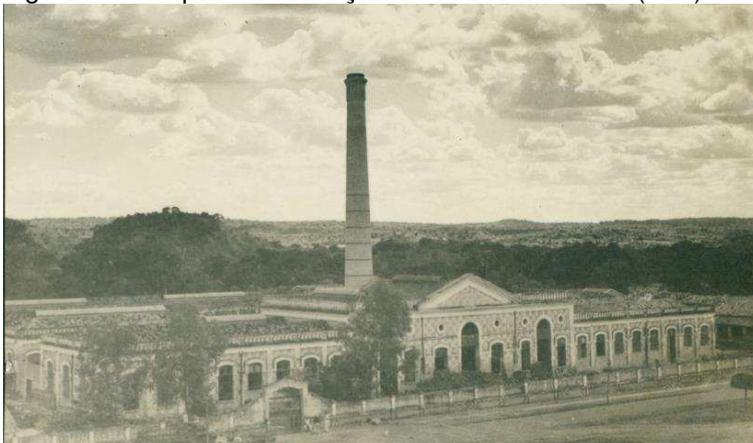
As novas áreas surgidas em torno das fábricas (Figura 3) foram: Camboa, em função da Companhia de Fiação e Tecido Maranhense (1890); Vila Passos e Monte Castelo, em função da Cia. Fabril Maranhense (1891); São Pantaleão, Madre Deus, Goiabal e Lira, em função deduas fábricas: Cia. de Fiação e Tecido Cânhamo (1893) e Cia.de Fiação e Tecelagem São Luís(1894); e o Anil, a partir da Cia.de Fiação e Tecidos do Rio Anil (1893) (FERREIRA, 1999 Apud. RODRIGUES, 2004, p.142).

Desde o século XVIII, as áreas do entorno das antigas fábricas de soque de arroz foram sendo ocupadas por populações de baixa renda. Tal fenômeno se intensificou no decorrer dos séculos seguintes, com a abertura de inúmeras fábricas têxteis. Existem imagens de tais espaços no início do século XX, onde vemos resquícios do tipo das construções rústicas que marcaram seu começo: lotes de pequenas dimensões, construções térreas e acanhadas. (MOTA, 2015, p.29)

Tratando sobre a construção das fábricas, cabe ressaltar que a primeira fábrica de tecidos construída no Maranhão foi a Companhia de Fiação e Tecidos Caxiense, construída no ano de 1883, e segundo Teixeira (2003, p. 37) possuía cerca de 130 teares e 250 funcionários que trabalhavam neles, sua localização assim como

a de todas as outras se encontrava em posição estratégica próxima aos rios que cortam o Estado.

Figura 1 - Companhia de Fiação e Tecidos Caxiense (19--)



Fonte IBGE, Série: Acervo dos municípios brasileiros, 2017.

A Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense S. A. foi fundada em 1889 por três sócios, Antônio Joaquim Ferreira Guimarães, Manoel Correia Baima de Lago e Francisco Dias Carneiro. A Fábrica, criada no período de expansão da indústria têxtil no país, tinha como principal objetivo a produção de fazendas para comercialização, tendo em vista a escassez do produto no mercado maranhense. Mas foi durante a Segunda Guerra que ocorreu o apogeu da Indústria, com o fornecimento de matéria-prima para o exterior. A Companhia, que declarou falência em 1950, foi um dos fatores de desenvolvimento da região. (IBGE, 2017)

Figura 2 - Companhia de Fiação e Tecidos Caxiense (2013)



Fonte: IPatrimônio, Fábrica da União Têxtil Caxiense S.A., 2013.

A Fábrica foi alguma das que conseguiram sobreviver com o tempo e hoje:

O prédio da extinta União Caxiense foi o primeiro tombamento isolado ocorrido na cidade, pelo Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão (Dphap/MA), sob o Decreto nº 7.660, de 23 de junho de 1980, e inscrito no Livro de Tombo em 15 de outubro de 1980. O prédio de 6000m² edificado em pedra, cal e alvenaria de tijolo, com estrutura metálica inglesa e telhas francesas, ficou abandonado até a década de 1970 quando a administração pública adquiriu o imóvel e o transformou no Centro de Cultura Acadêmico José Sarney. (IBGE, 2017)

Fábrica Camboa: a fábrica que ficou mais conhecida como Fábrica Camboa por conta do bairro em que ela se encontrava, possuía o nome de Fábrica de fiação e tecidos maranhense e foi a segunda a ser construída no estado em 1888, foi ela também a primeira fábrica que incluiu as mulheres em sua força de trabalho e nela possuíam 300 teares, sendo a maior do Maranhão em extensão, possuía cerca de 10.000 metros² e ela funcionou até o ano de 1970.

Figura 3- Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense(1923)



Fonte: Álbum do Maranhão 1923

Hoje o local em que a fábrica atuava é utilizado pelo grupo Difusora, uma rede televisora e hoje não se encontra mais nas suas configurações iniciais, como é possível observar na foto abaixo:

Figura 4 – Sistema Difusora de Comunicação e antigo onde se encontrava a Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense (2015)



Fonte: Sistema Difusora de Comunicação, Wikipidea.

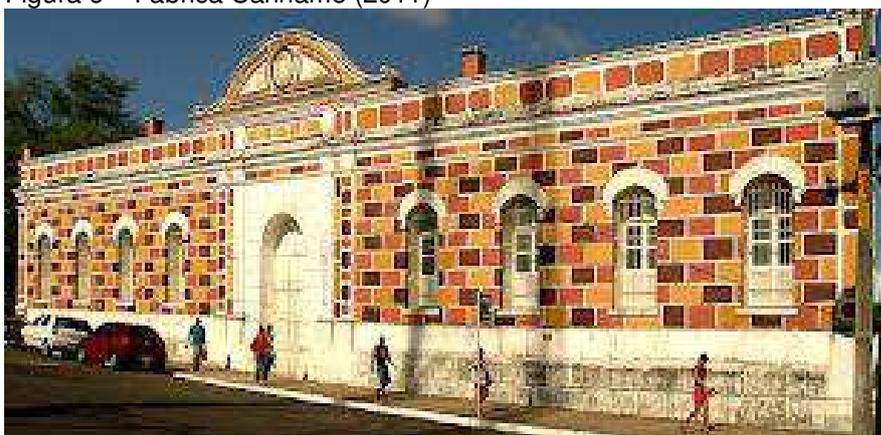
Fábrica Cãnhamo: Foi construída no ano de 1891 e se encontravam na Rua São Pantaleão e hoje é onde funciona o Centro de Produção Artesanal do Maranhão mais conhecido como CEPRAMA e nela havia 105 teares tendo como principal matéria prima a Juta, bem diferente de todas as outras fábricas de fiação.

Figura 5 – Fábrica Cânhamo(1920)



Fonte: Italo Stephan Arquiteto

Figura 6 – Fábrica Cânhamo (2011)



Fonte: Italo Stephan Arquiteto

A Companhia de Fiação e Tecelagem de São Luís foi construída ao lado da Fábrica cânhamo na Rua São pantaleão em 1894, e ela era consideravelmente menor que a Cânhamo, pois enquanto esta possuía 105 teares, a outra só possuía 55 teares e funcionários e ela infelizmente não resistiu ao tempo e hoje é possível apenas ver suas ruínas.

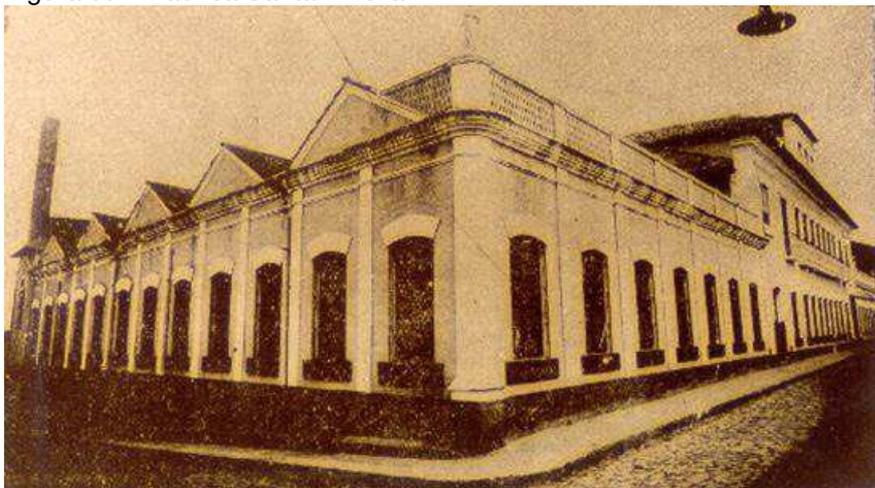
Figuras 7 e 8 – Ruínas da Companhia de Fiação e Tecelagem de São Luís



Fonte: O Imparcial

A Fábrica Santa Amélia foi construída na atual Rua Cândido Ribeiro e assim como a fábrica de São Luís, era pequena só possuía 22 teares e tendo empregado não muito mais que 50 operários, mas possuía maquinários que não teciam apenas o algodão, mas também a lã e a seda. Hoje o prédio é tombado pelo IPHAN e é sediado para os alunos de graduação dos cursos de Turismo e Hotelaria da UFMA.

Figura 09 – Fábrica Santa Amélia



Fonte: IPHAN

Figura 10 – Fábrica Santa Amélia atualmente



Fonte: O Imparcial

A Companhia Fabril Maranhense: Foi construída em 1893, situada na Rua Senador João Pedro, hoje conhecido como Canto da Fabril, foi a maior no Maranhão em relação aos maquinários, contendo cerca de 570 entre teares e com várias funções, empregando diversas pessoas entre homens, mulheres e crianças que em grande parte eram filhos desses empregados.

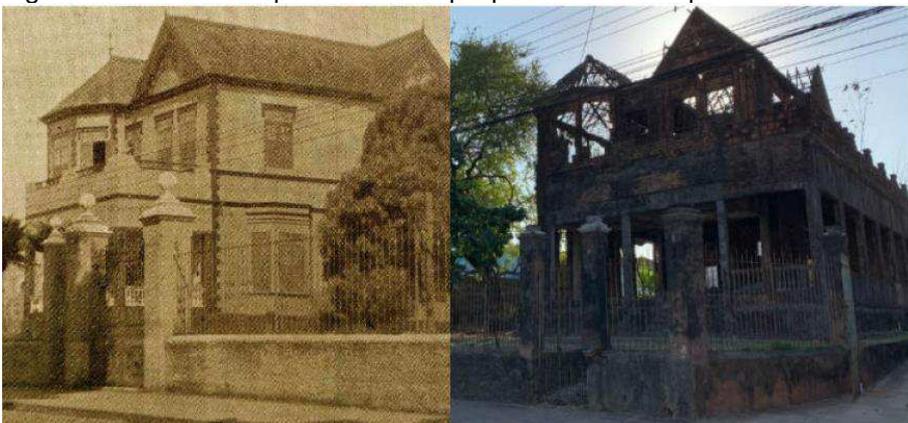
Figura 11- A Companhia Fabril Maranhense em 1920



Fonte: Agenda Maranhão

Hoje não restou muito mais do que poucas ruínas do que foi uma das maiores fábricas contidas no paque fabril, tendo sobrado apenas o chalé que pertenceu a um dos proprietários:

Figura 12 – Antes e depois do chalé que pertencia a Companhia Fabril Maranhense



Fonte: Imirante

Até os dias atuais, é possível ver os restos do imóvel que, mesmo diante do acabamento sem requinte de 2020, suscita no imaginário de quem não viveu aqueles tempos gloriosos industriais uma curiosidade e uma certeza de que, quem residia ali, não passava qualquer necessidade. (BASTOS, Imirante, 2017)

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil: Foi finalizada e inaugurada no bairro do Anil no ano de 1893, após alguns anos de muitas dificuldades em sua construção, tanto por questões financeiras, quanto por questões geográficas. E dispunha de pouco mais de 170 teares, 60 máquinas de fiação e 18 de branqueamento que eram utilizados na posição estratégica nas margens do Rio Anil, contando com mais de 200 operários.

Figura 13 - Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil em 1907



Fonte: Fabricio Pedroza Blogpost.

Figura 14 - Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil atualmente



Fonte: Fabricio Pedroza Blogpost.

Sobre esta fábrica, trataremos mais abaixo como aspecto a ser explorado na sequência didática.

É importante frisar que nenhuma dessas localizações foram escolhidas de forma avulsa, todas estas fábricas estavam situadas próximas ao Rio Anil ou Bacanga e estavam localizadas assim em função da necessidade da utilização das águas dos rios no processo de fabricação dos tecidos.

A localização dessas fábricas será melhor observada com base nos mapas que serão mostrados a seguir e que serão relacionados ao ensino de História Local.

CAPÍTULO 3- PROPOSIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O PARQUE FABRIL DE SÃO LUÍS: O ESPAÇO URBANO DE SÃO LUÍS E A INSTALAÇÃO DAS FÁBRICAS

Após a compreensão dos pontos já tangenciados no primeiro capítulo onde foi discorrido acerca das políticas relacionadas ao ensino de História Local, abordando também sobre alguns dos fundamentos legais que ensejam a importância desse campo de ensino. Como exemplo:

Na década de 1970, a partir da lei nº 5.692/71, o ensino de história passou por uma mudança. Segundo Piletti e Piletti (2013, p. 213), o núcleo comum definido pelo Conselho Federal de Educação passou a incluir dez conteúdos específicos em quatro áreas do conhecimento, o campo das ciências sociais, formado pela geografia, história e ciências sociais e sociais.

E como temática para apresentar essa possibilidade de ensino de História do Maranhão, no segundo capítulo foi apresentado de forma breve a introdução do tema escolhido, explicando o processo de chegada das fábricas principalmente na cidade de São Luís, que embasaram a abordagem escolhidas para o Capítulo 3 que irá relacionar o ensino de História Local ao processo de industrialização do estado.

3. 1. - A fábrica do Rio Anil: da produção de tecidos a construção do saber

Para a análise das informações que serão apresentadas sobre esta fábrica, optou-se por estudar dois autores, o Joaquim Itapary em *A falência do ilusório* e do *Cutim ao bairro do anil* escrito pelo Danilo Feitosa, os dois dedicaram-se a pesquisar alguns dos desdobramentos que ocorreram no Bairro do anil e que nos ajudarão a analisar algumas das mudanças ocorridas na geografia da cidade.

O Bairro que seja iremos analisar para enfatizar a importância das fábricas para o desenvolvimento da cidade de São Luís será o Bairro do Anil que até a chegada da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil não havia se desenvolvido. Nesse contexto, trabalharemos dois pontos a serem discutidos sobre essas “mudanças” serão a construção da ponte feita pela Companhia por onde o Rio Anil passa e a construção de casas feita pelos proprietários da companhia para seus funcionários, pois era muito difícil o acesso a esse bairro.

“Com a instalação da fábrica Rio Anil vai acarretar mudanças em toda região na qual a unidade fabril se estabeleceu, todavia a localidade do Anil era um local com características rural, com sítios e chácaras, todavia vai receber um número crescente de pessoas em que vão está ligado direto ou indiretamente a Companhia de Tecidos Rio Anil ocasionando a expansão do bairro. Seguindo uma prática muito comum nos estabelecimentos fabris do século XIX, a Companhia Rio Anil procurou construir casas para os operários, nas suas proximidades.” (FEITOSA, 2016, p.29)

Feito estas considerações sobre algumas das companhias que fizeram parte do parque fabril, nos fazendo compreender alguns dos problemas que ocorreram para que essas fábricas não se consolidassem. Como já citado e apresentado no texto pelo Marcos Matos (2005) “O capital levantado com a venda das propriedades é então empregado, de maneira despreparada e insipiente, na industrialização, seguindo a tendência nacional da época.

Apesar do êxodo rural causado pela crise algodoeira e o fim da escravidão ter causado o crescimento populacional da capital de um modo geral, o que se entende como bairro hoje só existiu de fato com a construção das fábricas de acordocomo o que é relatado pelo Danilo (2016) a partir de documentos que relatam o crescimento populacional da região em questão.

Até o final do século XIX e início do XX a cidade de São Luís permanecia quase que restrita ao bairro da Praia Grande. Data desse período o início de sua expansão, para o único local possível na época, crescer após o “Caminho Grande” em direção ao rio Cutim onde havia a primeira ponte e ao Anil a segunda. (FEITOSA, 2016, p.28), esse crescimento é notado na mudança dos mapas da cidade de São Luís ao longo dos anos.

3.2. - Mudanças geográficas na cidade de São Luís através dos mapas

Os mapas mostram de forma ilustrativa as mudanças que ocorreram em menos de 60 anos, sobre o que antes era considerado São Luís e o que naquele período se ampliaria, considerado bairros como o Anil.

Figura 15 - Mapa da cidade de São Luís em 1848



Fonte: Hemeroteca Digital

No mapa acima é possível observar que anos antes do início da construção da fábrica que estava situada no bairro do Anil, o mapa que representa a cidade de São Luís se limitava ao que hoje se compreende como os bairros da Camboa, Praia Grande e Madre Deus.

No mapa abaixo é possível observar que ao longo de toda a margem do rio existem fábricas com diferentes funcionalidades e é possível observar até onde era considerada a cidade de São Luís.

Figura 17 - Mapa da cidade de São Luís em 1912



Fonte: Hemeroteca Digital

Ainda sobre o processo de crescimento do Bairro, Joaquim Itapary relata que o Bairro do Anil no local onde foi construída a Companhia que agilizaram o crescimento do bairro antes eram terras da senhora Caetana Maria de Assunção Cadet que as vendeu para sua construção por nove contos de réis (ITAPARY, 1995). Sua localização assim como de todas as outras fábricas foram escolhidas de forma estratégicas para que se localizassem sempre próximas as margens do Rio Anil e Bacanga e é inclusive citado por (FEITOSA, 2016, p.34-35):

A Fábrica Rio Anil tem sua instalação nas proximidades do Rio Anil além de ser águas de boas navegações, já que mesmo diante de um desenvolvimento urbano, São Luís ainda utilizava bastante o comércio marítimo em suas relações comerciais. Outro fator é o rio permitir condição básica para fábrica obter seus recursos hídricos para disposição do funcionamento e utilização das máquinas fabris na sua produção de tecidos.

A impressão tida em relação as fábricas é que elas vieram trazer apenas um breve desenvolvimento para a cidade, pois a necessidade de

modernização não levou em consideração alguns dos acontecimentos a nível mundial e nacional, como os embargos econômicos que a Proclamação da República traria para os comerciantes daquele período, como a alta taxa de juros causada pela instabilidade econômica e políticas que desfavoreciam ao desenvolvimento industrial, o que dificultou a sobrevivência dessas fábricas.

Outro ponto levantado pelos estudos realizados, foi que os proprietários precisaram lidar não apenas com as questões comerciais, mas com as dificuldades da qualidade de matéria prima, uma vez que as consequências das técnicas utilizadas para a produção de algodão empobreciam rapidamente o solo e consequentemente a qualidade desse produto e o valor, o que acabava por encarecer o valor do produto final produzido, conforme podemos perceber com as afirmações da Cléudia Teixeira que opta por mostrar a realidade vivida na cidade de Caxias, mas que destaca que de um modo geral esta acontecia por toda a extensão do estado:

Ocorreram seguidas crises de produção do algodão e a sua escassez no Maranhão, que já havia sido um dos seus maiores produtores, contribuiu para que se produzisse uma grave crise na indústria têxtil de Caxias. O aumento do preço do algodão, conforme atestava a Bolsa de Mercadorias em São Paulo, em 1937, e pode se constatar pelas correspondências mantidas entre os representantes do comércio de algodão localizados no Rio e em São Paulo e a Companhia União Caxiense, provocou um processo de falência das fábricas de tecido, que não dispunham de capital suficiente para sustentar o círculo vicioso que lhe sufocava, dado que com a matéria-prima em alta, os preços dos tecidos se elevavam e dava-se a retração do consumidor, tanto no varejo, como no atacado. (TEIXEIRA, 2003, p.174-175)

O único momento favorável para essas companhias foi durante a 2ª Guerra Mundial que impactou na produção de nações concorrentes ao Brasil, o que aumentou a demanda de tecidos, fazendo com que alguns dessas fábricas pudessem respirar por alguns segundos, mas que infelizmente com o fim da guerra não conseguiram se consolidar no mercado internacional, pois infelizmente isso não foi capaz de suprir todas as necessidades que esses produtores possuíam após a expressiva quantidade de empréstimos que eles precisaram fazer para que as fábricas pudessem ser mantidas.

Os períodos de guerra e pós-guerra, embora no período da segunda guerra, o nível das exportações têxteis tenha crescido de forma significativa,

alcançando 23,5% das exportações, em 1942, quando havia sido de somente 2,2% a participação dos produtos têxteis, em 1939 (MELO, 1990, p. 26 Apud. TEIXEIRA, 2003, p.175).

Em suma, a falência da indústria têxtil no Maranhão na segunda metade do século XX foi resultado da concorrência externa que o Brasil sofria dos quais não possuía força para enfrentar, causado principalmente pela falta de poder aquisitivo que resultou uma estagnação tecnológica, mas também foi influenciada pelas crises econômicas. Esses problemas persistiram ao longo do tempo e continuaram a afetar o setor têxtil até que este colapsasse e ruísse por completo

3.3- Propondo uma sequência didática para a abordagem da história local: as fábricas no contexto de São Luís no século XIX.

Para tratar sobre o que se configura como uma sequência didática, nos apropriamos das contribuições de Antoni Zabala, que no livro “A prática educativa como ensinar”, traz uma interessante discussão sobre aquilo que se configura como prática educativa, dando ênfase as sequências didáticas que determinam as características diferenciais dessa prática.

Etapas do processo educativo: planejamento e avaliação

Entender a intervenção pedagógica exige situar-se num modelo em que a aula se configura como um microsistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, uma forma de distribuir o tempo, um determinado uso dos recursos didáticos, etc., onde os processos educativos se explicam como elementos estreitamente integrados neste sistema. Assim, pois, o que acontece na aula só pode ser examinado na própria interação de todos os elementos que nela intervém. (ZABALA, 1998, p.16-17)

O planejamento e a avaliação dos processos educacionais são uma parte inseparável da atuação docente, já que o que acontece nas aulas, a própria intervenção pedagógica nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados. Por pouco explícitos que sejam os processos de planejamento prévio ou os de avaliação da intervenção pedagógica, esta não pode ser analisada sem ser observada dinamicamente desde um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e a avaliação. (ZABALA, 1998, p.17)

Assim, pois, partindo desta visão processual da prática, em que estão estreitamente ligados o planejamento, a aplicação e a avaliação, teremos que delimitar a unidade de análise que representa este processo. Se examinamos uma das unidades mais elementares que constitui os processos de

ensino/aprendizagem e que ao mesmo tempo possui em seu conjunto todas as variáveis que incidem nestes processos, veremos que se trata do que se denomina atividade ou tarefa. (ZABALA, 1998, p.17)

Ao considerar-se todas as etapas apontadas acima, para o desenvolvimento de uma prática educativa, o autor em seguida, traz contribuições que tratam sobre o que caracteriza a sequência didática como um “[...] conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um principio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.” (ZABALA, 1998, p.18)

Ainda sob a perspectiva de Zabala (1998), a complexidade da prática educativa compreende diferentes caminhos para a realização das atividades propostas com relação ao ensino aprendizagem, conforme as proposições do autor referendado, enquadram-se em dimensões ou variáveis que constituem a proposta metodológica para o alcance dos objetivos educacionais, sendo estes:

- As sequências de atividades de ensino/aprendizagem, ou sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Assim, pois, poderemos analisar as diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educativos. As sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhes atribuir.
- O papel dos professores e dos alunos e, em resumo, das relações que se produzem na aula entre professor e alunos ou alunos e alunos, afeta o grau de comunicação e os vínculos que fazem com que a transmissão do conhecimentos ou os modelos e a as propostas didáticas estejam de acordo ou não com as necessidades de aprendizagem.
- A forma de estruturar os diferentes alunos e a dinâmica grupal que se estabelece configuram uma determinada organização social da aula em que os meninos e meninas convivem, trabalham e se relacionam segundo modelos nos quais o grande grupo ou os grupos fixos e variáveis permitem e contribuem de uma forma determinada para o trabalho coletivo e pessoal e sua formação.
- A utilização dos espaços e do tempo; como se concretizam as diferentes formas de ensinar usando um espaço mais ou menos rígido e onde o tempo é intocável ou permite uma utilização adaptável às diferentes necessidades educacionais.
- A maneira de organizar os conteúdos segundo uma lógica que provém da própria estrutura formal das disciplinas, ou conforme formas organizativas centradas em modelos globais ou integradores.
- A existência, as características e o uso dos materiais curriculares e outros recursos didáticos. O papel e a importância que adquirem, nas diferentes formas de intervenção, os diversos instrumentos para a comunicação da informação, para a ajuda nas exposições, para propor atividades, para a experimentação, para a elaboração e construção do conhecimento ou para o exercício e a aplicação.
- E, finalmente, o sentido e o papel da avaliação, entendida tanto no sentido mais restrito de controle dos resultados de aprendizagem conseguidos, como no de uma concepção global do processo de

ensino/aprendizagem. Seja qual for o sentido que se adote, a avaliação sempre incide nas aprendizagens e, portanto, é uma peça-chave para determinar as características de qualquer metodologia. A maneira de avaliar os trabalhos, o tipo de desafios e ajudas que se propõem, as manifestações das expectativas depositadas, os comentários ao longo do processo, as avaliações informais sobre o trabalho que se realiza, a maneira de dispor ou distribuir os grupos, etc., são fatores estreitamente ligados à concepção que se tem da avaliação e que têm, embora muitas vezes de maneira implícita, uma forte carga educativa que a converte numa das variáveis metodológicas mais determinantes. (ZABALA, 1998, p.20-21)

3.3.1- Elaborando o planejamento de uma sequência didática sobre o parque fabril ludovicense.

1ª Sequência Didática

Tema da sequência didática: a instalação das fábricas e o surgimento de uma nova cartografia sobre São Luís

Objetivos: Apresentar parte da história local através de mapas.

Auxiliar os alunos na análise de mapas e nas mudanças ocorridas ao longo dos anos.

Habilidades: (EM13CHS106)

Conteúdos a serem trabalhados: Industrialização da cidade de São Luís e as mudanças do espaço geográfico da capital.

Metodologia: adotaremos como metodologia uma aula expositiva dialogada a ser desenvolvida em algumas etapas:

Primeira etapa- aula expositiva- Introdução do tema: No início da aula apresentaremos os dois mapas da época da instalação do parque fabril, buscando identificar os espaços em que se instalaram as fábricas de tecidos e a razão da escolha dos locais das fábricas, que contribuíram para o surgimento de uma nova cartografia sobre a cidade.

Desenvolvimento: exploração dos tópicos: usar como recursos as imagens das fábricas e os mapas

1.Os locais de instalação das fábricas

2.A expansão urbana de São Luís com a criação de vários bairros

Considerações finais sobre a explanação do tema: tratar sobre as principais mudanças e problemas que a cidade vem sofrendo como consequência de ocupações pouco planejadas para a ocupação dos espaços, além de outros aspectos.

Segunda etapa- Enviar para casa como objeto de leitura o texto “memória e ensino de história” de Ricardo Oriá (p.128-130), buscando a compreensão desse tema ligado a

instalação do parque fabril em São Luís como ensino local, apontando o papel da memória como fundamental nesse contexto. Após a leitura, cabe ao aluno responder seguintes questões:

1ª) Quais as principais mudanças percebidas entre os 3 mapas presentes na atividade?

2ª) Quais os locais sinalizados nos mapas você consegue identificar que já foram visitados por você?

3ª) Comparando os mapas 1 e 2, identifique os locais de construção de 3 fábricas de tecidos mostradas no texto.

Avaliação: Apresentação das respostas pelos grupos, no sentido da compreensão do tema estudado. A avaliação servirá como base para notar se os alunos estavam participando ativamente do que estava sendo passado dentro de sala de aula e para observar se os alunos possuem qualquer conhecimento acerca da geografia da cidade.

2ª Sequência Didática

Tema da sequência didática: Análise do livro “Janelas Fechadas” do autor Josué Montello.

Objetivos: Debater sobre o papel da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil para o desenvolvimento do bairro Anil que ambienta o romance “Janelas Fechadas” do escritor maranhense Josué Montello, local onde viveu por parte de sua vida.

Habilidades: (EM13CHS106) ; (EM13CHS502)

Conteúdos a serem trabalhados: Mudanças ocorridas no bairro Anil em decorrência da Industrialização da cidade de São Luís e as condições de vida durante esse período.

Metodologia: adotaremos como metodologia uma aula expositiva dialogada a ser desenvolvida em algumas etapas:

Primeira etapa- aula expositiva- Introdução do tema: No início da aula apresentaremos os dois mapas da época da instalação do parque fabril, buscando identificar os espaços em que se instalaram as fábricas de tecidos, principalmente a Companhia de Fiação e Tecido do Rio Anil.

Desenvolvimento:

Usar como recursos os mapas e a obra literária.

Exploração dos tópicos:

1. Leitura e Interpretação da ambientação do livro *Janelas Fechadas*, com base no local de instalação da Companhia de Fiação e Tecido do Rio Anil.
2. Para melhor aproveitamento do tópico anterior, o professor poderá utilizar a dissertação *A GEOGRAFICIDADE EM JOSUÉ MONTELLO: o romance Janelas Fechadas à luz da Geografia Humanista Cultural* escrita pela autora Viviane Pinheiro(2019) que relata algumas vivências do escritor Josué Montello que são apresentadas na obra como:

Esse espaço, narrado na ficção de maneira preponderante, é a região do Anil, zona rural da cidade de São Luís, à época, alvo de interesses por empreendimentos industriais, sítio de unidades fabris que teve seu apogeu na década de 1890, quando da instalação da Companhia de Tecidos Fábrica Rio Anil. (PINHEIRO, 2019, p.54)

Considerações finais sobre a explanação do tema: tratar sobre as principais mudanças e problemas que a cidade e as pessoas estavam vivenciando a partir da obra.

Segunda etapa- Enviar para casa como objeto de leitura e fichamento o livro “Janela Fechadas” tendo como objetivo analisar:

1º Quais os momentos percebidos pelos alunos onde se teve como plano de fundo a fábrica presente no bairro.

2º Quais as considerações tidas por eles em relação as condições de vida daqueles indivíduos presentes na obra.

Avaliação: Apresentação das respostas pelos alunos, no sentido da compreensão do tema estudado. A avaliação servirá como base para notar se os alunos estavam participando ativamente do que estava sendo passado dentro de sala de aula e para observar se os alunos possuem qualquer conhecimento acerca das mudanças ocorridas em uma parte da cidade e das pessoas que estavam inseridas naquele contexto.

CONCLUSÃO

Para que ocorresse o crescimento e desenvolvimento das indústrias têxteis no Maranhão, foram necessários que diversos acontecimentos a nível global e nacional interferissem, pois foram eles que impulsionaram algumas das mudanças ocorridas na cidade de São Luís e apesar de serem pouco ou quase nada mencionadas durante a vida escolar, a presença dessas companhias representou diversos avanços, como: a mudança geográfica causada pela vinda de pessoas para a região que representa a capital e em consequência algumas mudanças sociais.

A respeito das fábricas de um modo geral, a algumas dessas o tempo não deixou que sobrasse muito mais do que ruínas, para outras a reestruturação foi a única opção viável. Mas, essas fábricas não estiveram presentes apenas por um curto espaço de tempo, pois, além de todo o espaço físico que marca por onde elas passaram, há toda uma mudança na estrutura social daquele período que se perpetuou até os dias atuais.

Acredita-se que a economia durante o final do século XIX e o início do século XX foi o fator determinante para que maiores mudanças não tenham ocorridos. Não considera-se uma nova produção Neofabrilista, porém através de todo o material relacionado a temática é possível observar que as fábricas possuíram de alguma forma um fator determinante para as mudanças na sociedade local em certo grau.

Seja nas peças trazidas por esses trabalhadores estrangeiros citados anteriormente, como a bicicleta, a máquina de costurar ou até mesmo o telefone que caracterizaram esse boom de modernização da cidade. Ou nas famílias e me refiro principalmente as mais pobres, sendo forçadas a considerarem a mulher como uma força de trabalho.

A história local se mostra tão rica quanto qualquer outro domínio e gera nos seres humanos daquela região a sensação de pertencimento. Contudo, o que se observa é que grande parte desses conteúdos só são possíveis de serem obtidos na academia onde se tem uma maior facilidade em ter contato com diversos autores que dedicaram-se a estudar sobre essa temática.

Tendo contato com os materiais historiográficos relacionados ao parque fabril, observou-se ser possível abordar isso dentro de sala de aula, mostrando

para os alunos, sejam eles crianças ou adolescentes do ensino fundamental ou principalmente para os alunos do ensino médio que hoje são os maiores prejudicados com essa defasagem no ensino de história.

Diante dessas questões, a presença do historiador e do professor de história torna-se cada vez mais essencial para refletir sobre os usos sociais e políticos do passado. Se o historiador se apega à veracidade dos fatos, deve, por meio de seu trabalho, fazer um trabalho crítico sobre a memória, analisando suas fontes com rigor erudito, sem desconsiderar os documentos ou provas que contradigam seu estudo, como tem feito. Cabe adotar uma postura que trate de forma ética e responsável as memórias sobre as quais atua, e que evite que o dever de lembrar cede lugar ao abuso da memória.

Por outro lado, se o professor se preocupa em ensinar uma história crítica que ensina os alunos a pensar historicamente e assume o papel de cidadãos responsáveis e tolerantes com a diversidade, ele também deve adotar uma postura crítica e também fazer reflexão sobre o que já está estabelecido.

Realizar críticas, seja em livros didáticos, obras literárias ou outras fontes usadas para pesquisa em sala de aula é indispensável. É necessário que o professor de história e o historiador tornem o ensino da história problematizador e crítico face aos aspectos políticos, culturais e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Vilma de Lourdes. **Ensino de história local**: Redescobrimo sentidos.SAECULUM, João Pessoa, juk/dez, 2006.

BASTOS, Tiago. **Canto da Fabril**: parque têxtil de grande produção e o chalé que virou ruínas. Imirante.com, 2017. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2020/10/03/canto-da-fabril-parque-textil-de-grande-producao-e-o-chale-que-virou-ruinas>

Acesso em: 15 de junho de 2023.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo. Cortez, 2004. BRASIL.

BITTENCOURT, Circe Maria F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810- 1910) . **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491, set./dez. 2004.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em 10 junho de 2023.

_____. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em 10 junho de 2023.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Documento Introdutório. Versão Preliminar. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**. História. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 108p.

_____. **Lei nº 9394/96:** dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história;** tradução: Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel - 2ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: quem é essa mulher?** Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século. 1ª. ed. São Luís: EDIUFMA, 2006.

FEITOSA, Danilo. **DO BUCÓLICO CUTIM AO BAIRRO ANIL.** Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís - MA, 2016.

FILHO, Claudiomar Matias Rolim. **FORMAÇÃO ECONÔMICA DO MARANHÃO: DE PROVÍNCIA PRÓSPERA A ESTADO MAIS POBRE DA FEDERAÇÃO. O QUE DEU TÃO ERRADO?.** 112f, 2016. Dissertação apresentada à Universidade de Brasília para o Programa de Pós-Graduação em Economia do Setor Público, Brasília, 2016

GOMES, Angela C. A reflexão teórico-metodológica dos historiadores brasileiros: contribuições para pensar a nossa História. In: GUAZZELLI, Cesar A. B. (Org.). **Questões de teoria e metodologia da história.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GOUBERT, Pierre. **História Local.** Revista Anabaldez, nº01, maio/agosto 1988.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos – O breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ITAPARY, Joaquim. **A falência do Ilusório:** memória da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil. São Luís, Alumar, 1995.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento curricular do território maranhense:** ensino médio. Maranhão, Secretaria de Estado da Educação. São Luís, 2022.

MELO, Maria Cristina pereira de. **O Bater dos panos;** um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil no maranhão(1940-1960). São Luís, SIOGE, 1990.

MONTELLO, Josué. **Janelas Fechadas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

MOTA, Antônia da Silva. Atividade Fabril em São Luís do Maranhão no século XVIII ao XX In: Antônia da Silva Mota; Ulisses Pernambucano. (Org.). **A Sedução Das Ruínas** - Arqueologia e Resgate. 1ed. São Luís: EDUFMA/IPHAN, 2015, v. 1, p. 9-50.

OLIVEIRA, Davi Benvindo de. **A História talhada na memória: a Companhia Manufactureira e Agrícola do Maranhão e o operariado de Codó (MA).** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 8, n. 1, jan./jun. 2019.

PILETTI, Claudino; PILETTI, **Nelson**. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PINHEIRO, Viviane de Jesus Farias Ribeiro. **A GEOGRAFICIDADE EM JOSUÉ MONTELLO: o romance Janelas Fechadas à luz da Geografia Humanista Cultural**, 104f. . Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís – MA, 2019.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3 (1989), p. 3-15.

Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/141>

RODRIGUES, Zulimar Márita Ribeiro. **GEOGRAFIA DA SAÚDE E O ESPAÇO URBANO DE SÃO LUÍS-MA: interfaces da relação saúde e ambiente no período de 1854 – 1954**, 2004. 240f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís – MA, 2004.

SALGUEIRO, Heliana. A. Apresentação. IN: LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana** – seleção de textos. Tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS. Joaquim. J. M. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa, para as escolas de nível médio e fundamental. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 1, pp. 105-124, jan.-abr. 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004

STEIN, Stanley J., **Origem e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil- 1850/1950**. Rio de Janeiro, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1979.

TEIXEIRA, Cléudia Menezes Graça. **Ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias-MA**, 2008. 313f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade Estadual de campinas, Instituto de Economia. **Campinas-SP, 2003**.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. **História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história**. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, p. 743-758.

ZABALA, Antoni; tradução Ernandi F. Da F. Rosa. **A prática educativa: como ensinar**. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRIBUZI, Bandeira. **Formação econômica do Maranhão**. Uma proposta de desenvolvimento. São Luís: FIPES, 1981.

Figura 1: Fotografia. SILVA, Sinésio Santos da. [Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense S. A.] : Caxias, MA , 19]--. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Série: Acervo dos municípios brasileiros, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448996>

Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 2: Fotografia. Prefeitura Municipal. Fábrica da União Têxtil Caxiense S.A. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/caxias-antiga-companhia-da-uniao-textil-caxiense/#!/map=38329&loc=-4.8629509999999979,-43.36437899999999,17>
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 3: Fotografia. Acervo Digital Biblioteca Pública Benedito Leite. Álbum do Maranhão 1923: Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense(1923). São Luís-MA. [s.d.] Disponível em: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 4: Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense (2015). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_Difusora_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 5: Fotografia. Italo Stephan. Por amor às cidades. Fábrica da Cãhamo (1920). São Luís-MA, 2011. Disponível em: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2011/08/fabrica-da-canhamo.html>.
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 6: Fotografia. Italo Stephan. Por amor às cidades. Fábrica da Cãhamo (2011). São Luís-MA, 2011. Disponível em: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2011/08/fabrica-da-canhamo.html>.
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figuras 7 e 8 : O Imparcial. Registros da história: Relembre os tempos áureos das fábricas do Maranhão, Ruínas da Companhia de Fiação e Tecelagem de São Luís. São Luís-MA [s.d.] Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2020/07/registros-da-historia-relembre-os-tempos-aureos-das-fabricas-do-maranhao/>
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 9: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Fábrica Santa Amélia restaurada e entregue em outubro. 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3316>.
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figuras 10: Fotografia. O Imparcial. Registros da história: Relembre os tempos áureos das fábricas do Maranhão, Ruínas da Companhia de Fiação e Tecelagem de São Luís. São Luís-MA [s.d.] Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2020/07/registros-da-historia-relembre-os-tempos-aureos-das-fabricas-do-maranhao/>
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 11- Fotografia. Agenda Maranhão. Fábrica Santa Isabel, no início do século XX. São Luís-MA, 2019. Disponível em: <http://agendamaranhao.com.br/2019/01/15/fabrica-santa-izabel-inicio-do-seculo-xx/>
Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 12 - Fotografia. BASTOS, Thiago. Canto da Fabril: parque têxtil de grande produção e o chalé que virou ruínas. O Estado, São Luís-MA, 2022. Disponível em:

<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2020/10/03/canto-da-fabril-parque-textil-de-grande-producao-e-o-chale-que-virou-ruinas>.

Acesso em 15 de Junho de 2023.

Figuras 13 e 14 - Fotografia. PEDROZA, Fabricio. Retrofit da Fábrica de Tecidos Rio Anil. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fabriciopedroza.com.br/reconversao-da-fabrica-de-tecidos-do-rio-anil-1991-1993>

Acesso em 15 de Junho de 2023

Figura 15 - Mapa. Veiga, J. Planta da cidade de São Luiz do Maranhão [Cartográfico] / Escala [ca 1:4.342]. 1858. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

Acesso em : 10 de Maio de 2023

Figura 16 - Mapa. Ferreira, Justo Jansen, 1864-1930. [Cartográfico] : capital do estado do Maranhão / Escala [ca. 1:4.237] 1912. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

Acesso em: 10 de Maio de 2023

Figura 17 - Mapa. Ferreira, Justo Jansen, 1864-1930. Carta da ilha de S. Luiz do Maranhão [Cartográfico] / Escala 1:110.000. 1912. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

Acesso em: 10 de Maio de 2023